



## Existiria uma “semiologia psicanalítica” em Lacan?

Victor Eduardo Silva Bento

**Resumo:** Trata-se de pesquisa de revisão de literatura em torno do seguinte problema principal: existiria uma “Semiologia Psicanalítica” em Lacan? Para tal, os antecedentes históricos deste problema foram discutidos, destacando-se particularmente as contribuições de Saussure, no campo da lingüística e da semiologia estruturais; de Lévi-Strauss, no campo da antropologia estrutural; e de Freud, em “Totem e tabu”. Sobre a noção de “Semiologia Psicanalítica” em Lacan, especialmente na obra “A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud”, foi debatida a seguinte questão: a hipótese lacaniana do “inconsciente estruturado como linguagem” seguiria a lógica de uma “semiologia freudiana do sonho”? Concluiu-se que existe um pensamento semiológico em Lacan, implicitamente sugerido. A influência aqui não teria vindo da semiologia de Saussure, mas da ciência dos sonhos de Freud.

**Palavras-chave:** Lacan, semiologia, psicanálise.

### Would there be a lacan’s psychoanalytical semiology?

**Abstract:** A literature review was done about the following issue: Would there be a Lacan’s “Psychoanalytical Semiology”? Historical antecedents of this problem were discussed, emphasizing the contributions of Saussure in the structural linguistics and structural semiology areas; Lévi-Strauss in the structural anthropology domain; and Freud in “Totem and Taboo”. Concerning Lacan’s notion of “Psychoanalytical Semiology”, in “L’instance de la lettre dans l’inconscient ou la raison depuis Freud”, we discussed this question: “Would Lacan’s hypothesis about the “unconscious structured as a language” follow the logic of a “Freudian semiology of dream”? We concluded that there is an implicit semiological thought in Lacan’s work. The influence here would not come from Saussure’s semiology, but from Freud’s science of dreams.

**Key words:** Lacan, semiology, psychoanalysis.

---

### Introdução

Como se vê, desde o título deste trabalho, trata-se aqui de pesquisa em torno do seguinte problema principal: Existiria uma “Semiologia Psicanalítica” em Lacan? O objetivo do presente estudo será, então, discutir esta questão, utilizando-se para tal do método de revisão de literatura. Como Lacan não propõe diretamente nenhuma abordagem semiológica, pretende-se buscar fundamentos lacanianos indiretos que justifiquem uma “Semiologia Psicanalítica”, permitindo também defini-la e construí-la, ao longo deste trabalho.

Mas de onde surgiu a idéia de estudar tal problema? Como justificar a importância deste problema e do seu estudo?

A idéia de estudar o problema principal desta pesquisa surgiu por ocasião da preparação da tese de doutorado do autor do presente estudo<sup>1</sup>. Tratava-se de uma tese baseada fundamentalmente no método de pesquisa de Revisão de Literatura, no contexto de um Doutorado em Psicopatologia Fundamental e Psicanálise na Universidade Paris 7. O problema que se colocou desde logo foi o de justificar tal método valorizando essencialmente o plano teórico, em oposição à proposta principal da psicanálise, que, como se sabe, destaca, principalmente, a dimensão clínica. Mais precisamente, o problema consistiu em buscar fundamentos psicanalíticos para a Revisão de Literatura, o que culminou na construção de um método de pesquisa, que foi chamado pelo autor do presente estudo de “Semiologia Psicanalítica”. Mas como se chegou a tais proposição metodológica e denominação? Pretende-se a seguir relatar os antecedentes históricos do problema desta pesquisa, identificando quais foram as influências teóricas que levaram o autor deste trabalho à proposição desta “Semiologia Psicanalítica”.

### **Sobre a noção de “Semiologia Psicanalítica” antes de Lacan**

Em primeiro lugar, é preciso esclarecer que Freud também não propõe diretamente nenhuma “Semiologia Psicanalítica”. Portanto, a primeira fonte de inspiração de Bento (1996) para tal proposição não foi Freud. Foi Saussure (1916/1995a, 1916/1995b), o pai da “Semiologia” que surge no campo da lingüística estrutural, quem exerceu a primeira influência em Bento (1996), nesta construção metodológica da “Semiologia Psicanalítica”. Saussure assim define sua “Semiologia”<sup>2</sup>:

Pode-se, então, conceber uma ciência que estude a vida dos signos no seio da vida social; ela constituiria uma parte da Psicologia social e, por conseguinte, da Psicologia geral; chamá-la-emos de Semiologia (do grego semeion, “signo”). Ela nos ensinará em que consistem os signos, que leis os regem. Como tal ciência não existe ainda, não se pode dizer o que será; ela tem direito, porém, à existência; seu lugar está determinado de antemão. A Lingüística não é senão uma parte dessa ciência geral; as leis que a Semiologia descobrir serão aplicáveis à Lingüística e esta se achará dessarte vinculada a um domínio bem definido no conjunto dos fatos humanos.

Cabe ao psicólogo determinar o lugar exato da Semiologia. (Saussure, 1916/1995b, p.24) (Ver passagem correspondente na edição francesa: Saussure, 1916/1995a, p.33)

Para precisar o que chama de “Signo”, Saussure (1916/1995b, p.80-81) escreverá: “o signo lingüístico une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito (significado) e uma imagem acústica (significante)”. Além disso, tratar-se-á para este autor de valorizar uma dimensão psíquica, pois, segundo ele, a imagem acústica “não é o som material,

---

<sup>1</sup> Vide a referência desta tese em Bento (1996).

<sup>2</sup> Para o detalhamento da discussão sobre “A semiologia saussuriana”, vide Bento (1996, item 1.1).

coisa puramente física, mas a impressão (empreinte) psíquica desse som, a representação que dele nos dá o testemunho de nossos sentidos”. É o que fará da semiologia, esta ciência dos signos, uma psicologia. A Semiologia, escreve Saussure (1916/1995b, p.24), “constituiria uma parte da Psicologia social e, por conseguinte, da Psicologia geral”.

E para detalhar aquilo que Saussure (1916/1995b, p.24-25) chama de “social”, de “vida social”, esse autor evocará “um domínio bem definido no conjunto dos fatos humanos”, ilustrando-os pelos “ritos, os costumes etc”.

Depois de Saussure, outra inspiração de Bento (1996) para a construção do método de “Semiologia Psicanalítica” foi Lévi-Strauss (1958/1974, 1958/2003) e sua antropologia estrutural. Lévi-Strauss começará por evocar a lingüística de Saussure, mais particularmente a equação deste autor que se tornou célebre, segundo a qual a linguagem é igual à língua mais a fala. Por um lado, Lévi-Strauss criticará esta lingüística, se opondo, mais precisamente, ao fato de Saussure, segundo ele, ter restringido sua abordagem ao arbitrário do signo, à dimensão relativa do social e dos sistemas particulares de signos (a língua e a fala). Com esta crítica Lévi-Strauss justificará, por outro lado, sua proposição dos mitos como sendo universais lingüísticos<sup>3</sup>, ausentes no pensamento de Saussure. Por outro lado, Lévi-Strauss justificará sua hipótese dos mitos como sendo os reveladores do inconsciente humano apoiando-se em Freud e na psicanálise quando escreve:

Pensamos particularmente na noção de mito e na noção de inconsciente. (...) De fato, inúmeros psicanalistas se recusarão a admitir que as constelações psíquicas que reaparecem à consciência do doente possam constituir um mito. (...) (...) o objeto próprio dos mitos é de oferecer uma derivação a sentimentos reais, mas recalcados. (Lévi-Strauss, 1958/2003, p.233 & 239) (Ver passagem correspondente na edição francesa: Lévi-Strauss, 1958/1974, p.231, 237)

A partir, então, de Saussure (1916/1995a, 1916/1995b) e de Lévi-Strauss (1958/1974, 1958/2003), as duas primeiras inspirações de Bento (1996) ao propor a “Semiologia Psicanalítica” tratada neste trabalho, chegou-se à noção de um método de pesquisa que estudaria os signos no seio de sua vida social, entendendo-se este “social” como remetendo ao contexto dos ritos, dos costumes, dos mitos universais, dos escritos clássicos, etc. Um tal estudo permitiria o acesso aos sistemas de signos particulares (nas línguas) e universais (nos mitos), linguagens reveladoras da natureza humana mais profunda, do psiquismo inconsciente do homem. Não se poderia ver aqui um modelo de método de pesquisa que, valorizando a linguagem enquanto legado social, daria importância à sua dimensão “escrita” (nos mitos, nas lendas, nos escritos clássicos, etc.), e, assim, funcionaria como justificativa da Revisão de Literatura? Por outro lado, a idéia desta linguagem escrita revelar o psiquismo

---

<sup>3</sup> Para o detalhamento da discussão sobre “Lévi-Strauss: sua antropologia estrutural e sua abordagem dos mitos como linguagem do domínio da língua, da fala e de um sistema universais de signos”, vide Bento (1996, item 1.1.3).

inconsciente do homem não permitiria supor que um tal método de pesquisa justificaria, em particular, a Revisão de Literatura em psicanálise?

Entrando na psicanálise propriamente dita, Bento (1996) encontrou a terceira inspiração de sua “Semiologia Psicanalítica” em Freud, particularmente em “Totem e tabu”. A hipótese de Bento (1996) foi que esta obra constituiu a primeira “Semiologia Psicanalítica” de Freud (1913/1974), pois, ainda que o pai da psicanálise não tenha ali se utilizado desta expressão, pareceu ter efetivamente ali feito o que se entendeu como sendo a prática da semiologia psicanalítica de dois signos: “Totem” e “Tabu”<sup>4</sup>. Estes dois signos foram de fato estudados por Freud (1913/1974) no seio da vida social. Assim fazendo, Freud pareceu realizar a semiologia (psicanalítica) dos dois termos, uma ação correspondendo na prática à concepção hipotética de semiologia como “ciência que estude a vida dos signos no seio da vida social” (Saussure, 1916/1995b, p.24).

A partir de Freud (1913/1974), Bento (1996, item 1.2.1) chegou à seguinte conclusão: para manter uma ótica psicanalítica freudiana num estudo semiológico, seria necessário colocar a ênfase, como fez Freud em “Totem e tabu”, na análise radical dos universais da linguagem, estes reveladores da natureza humana mais profunda, do psiquismo inconsciente do homem, extraíndo tais universais, num primeiro tempo, dos totens e mitos, mas também, num segundo tempo, dos tabus e das religiões. Pode-se questionar a esse respeito: Um tal estudo demandando, de alguma maneira, o exame de “escritos”, não pareceria, assim, justificar o método de Revisão de Literatura em psicanálise?

Depois de Freud, caberia avançar no campo da psicanálise em busca de fundamentos teóricos para a construção de uma “Semiologia Psicanalítica”. Assim, passa-se, no item seguinte, à análise das contribuições lacanianas neste campo.

**Sobre a noção de “Semiologia Psicanalítica” em Lacan:  
a hipótese lacianiana do “inconsciente estruturado como linguagem”  
seguiria a lógica de uma “semiologia freudiana do sonho” em Lacan?**

*As influências teóricas na origem do pensamento laciano*

Por que sair de Freud especificamente para Lacan, em busca dos fundamentos teóricos de uma “Semiologia Psicanalítica”? Se no item anterior procurou-se construir tal noção apoiando-se, em primeiro lugar, na “Semiologia” de Saussure (1916/1995a, 1916/1995b), proposta no campo da lingüística estrutural; em segundo lugar, na antropologia estrutural de Lévi-Strauss (1958/1974, 1958/2003); e, em terceiro lugar, no que se compreendeu como sendo uma “Semiologia Psicanalítica” em Freud (1913/1974), particularmente em “Totem e tabu”, não se poderia esquecer o nome de Lacan,

---

<sup>4</sup>Para o detalhamento da discussão sobre “‘Totem e tabu’ (1913): uma ‘semiologia psicanalítica’ em Freud?”, vide Bento (1996, item 1.2.1).

autor cujo pensamento funda-se especialmente nas contribuições de Freud, de Saussure e da antropologia estrutural. Lemaire escreve a este respeito:

A teoria psicanalítica lacaniana baseia-se nas recentes descobertas da antropologia estrutural e da lingüística. (...) A originalidade de J. Lacan consiste em ter trazido à luz a teoria freudiana do inconsciente, isto é, de a ter analisado segundo o método estruturalista atual e de lhe ter dado o enfoque da lingüística. (Lemaire, 1979, p.44) (Ver passagem correspondente na edição francesa: Lemaire, 1977, p.35-36)

A importância para Lacan, tanto da lingüística saussuriana, quanto do retorno a Freud, foi freqüentemente reconhecida por seus comentadores, o que faz de suas contribuições um excelente ponto de apoio para a construção de uma “Semiologia Psicanalítica” nos moldes daquela acima mencionada no item 2.

Pretende-se a seguir discutir brevemente algumas das principais contribuições lacanianas servindo para justificar e aprofundar esta “Semiologia Psicanalítica”.

Primeiramente, pode-se retomar a célebre hipótese de Lacan segundo a qual “o inconsciente é estruturado como linguagem”. Esta hipótese, que marcou a essência de seu pensamento, encontra-se especialmente colocada em evidência em seu trabalho intitulado “A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud”, aonde Lacan escreve: “Nosso título deixa claro que, para-além dessa fala, é toda a estrutura da linguagem que a experiência psicanalítica descobre no inconsciente.” (Lacan, 1998a, p.498) (Ver passagem correspondente na edição francesa: Lacan, 1966a, p.495).

Em que sentido se pode entender esta “linguagem”, situada “além da fala”, estruturando o inconsciente, na citação acima? Mais precisamente, quais teriam sido as influências teóricas recebidas por Lacan para conceber tal “linguagem”? Se se procura nesta obra passagens permitindo esclarecer estas questões, indicações do próprio Lacan sobre quais teriam sido suas influências teóricas na formulação em destaque, encontram-se as referências que Lacan faz a Saussure e a Freud. A seguir se discutirão as seguintes questões: Existe um raciocínio semiológico no pensamento de Lacan? Se sim, as influências neste raciocínio foram recebidas de Saussure (vide subitem 3.2) e/ou de Freud (vide subitem 3.3)?

*Teria Saussure exercido alguma influência no raciocínio semiológico de Lacan?*

No que concerne ao que Lacan recebe de Saussure, o próprio Lacan escreve:

De nossa parte, vamos fiar-nos apenas nas premissas que viram seu valor confirmado pelo fato de a linguagem ter efetivamente conquistado, na experiência, seu status de objeto científico. Pois é por esse fato que a lingüística (7) se apresenta numa posição-piloto nesse campo em torno do qual uma reclassificação das ciências assinala, como é de costume, uma revolução do conhecimento (...) Para marcar o surgimento da disciplina lingüística, diremos que ela se sustenta, como acontece com toda ciência no sentido moderno, no momento constitutivo de um algoritmo que a funda. Esse algoritmo é o seguinte:

que se lê: significante sobre significado, correspondendo o “sobre” à barra que separa as duas etapas. O signo assim redigido merece ser atribuído a Ferdinand de Saussure, embora não se reduza estritamente a essa forma em nenhum dos numerosos esquemas em que aparece na impressão das diversas aulas dos três cursos, dos anos de 1906-7, 1908-9 e 1910-11, que a devoção de um grupo de seus discípulos reuniu sob o título de Curso de lingüística geral: publicação primordial para transmitir um ensino digno desse nome, isto é, que só pode ser detido em seu próprio movimento. Eis por que é legítimo lhe rendermos homenagem pela formalização S/s, em que se caracteriza, na diversidade das escolas, a etapa moderna da lingüística. A temática dessa ciência, por conseguinte, está efetivamente presa à posição primordial do significante e do significado, como ordens distintas e inicialmente separadas por uma barreira resistente à significação. Eis o que tornará possível um estudo exato das ligações próprias do significante e da amplitude da função destas na gênese do significado. Pois essa distinção primordial vai muito além do debate relativo (ao arbitrário) do signo (...). (Lacan, 1998a, p.499-500) (Ver passagem correspondente na edição francesa: Lacan, 1966a, p.496-497)

Na nota de rodapé (7) desta passagem, Lacan escreve:

(7) A lingüística, frisamos, ou seja, o estudo das línguas existentes em sua estrutura e nas leis que nela se revelam – o que deixa de fora a teoria dos códigos abstratos, imprópriamente elevada à categoria da teoria da comunicação, ou a chamada teoria, constituída pela física, da informação, ou qualquer semiologia mais ou menos hipoteticamente generalizada. (Lacan, 1998a, p.499) (Ver passagem correspondente na edição francesa: Lacan, 1966a, p.496)

A principal hipótese lacaniana encontra assim seu primeiro fundamento teórico em Saussure, em particular na lingüística deste autor, e não em sua semiologia. A este respeito, Lacan precisará em que sentido ele compreende estas duas ciências em Saussure para justificar sua escolha pela primeira. Lacan na nota de rodapé acima citada dirá, então, que a lingüística é “o estudo das línguas existentes em sua estrutura e nas leis que nela se revelam”, “o que deixa fora (...) qualquer semiologia mais ou menos hipoteticamente generalizada.” Vê-se, então, que a lingüística é aqui valorizada por sua “posição-piloto” no que concerne o estudo da linguagem, porque “a linguagem... efetivamente (conquistou), na experiência, seu status de objeto científico”, em oposição a “qualquer semiologia mais ou menos hipoteticamente generalizada.”

Lacan precisa mais ainda o que ele retém desta lingüística saussuriana quando situa no primeiro plano a unidade lingüística, a noção de signo tal como aparece em Saussure. Tal noção lhe parecerá essencial porque a separação entre o significante e o significado, representada por uma barra que simboliza “uma barreira resistente à significação”, evocará a idéia de um significado oculto, inconsciente. O signo, tal como se apresenta em Saussure, tornaria então possível “um estudo exato das ligações

próprias do significante e da amplitude da função destas na gênese do significado”, isto é, uma abordagem psicanalítica tendo como ideal último encontrar a significação inconsciente original, a qual se situa “muito além do debate relativo (ao arbitrário) do signo”.

Foi questionado acima em que sentido se poderia compreender em Lacan esta “linguagem”, situada “além da fala”, estruturando o inconsciente. Tendo Lacan procurado sublinhar a influência do pensamento saussuriano no que concerne a esta noção de linguagem, não seria então oportuno evocar aqui a hipótese levantada por Bento (1996) em outra oportunidade, segundo a qual a linguagem apareceria em Saussure constituída pela língua e pela fala, enquanto sistemas particulares de signos, mas também, por um sistema universal de signos<sup>5</sup>?

Mais precisamente, não se poderia pensar que esta “linguagem”, situada “além da fala” (Lacan, 1998a, p.498) e, também, situada “muito além do debate relativo (ao arbitrário) do signo” (Lacan, 1998a, p.500), remeteria precisamente a esta dimensão universal da linguagem (situada igualmente além da fala e da língua – além do arbitrário do signo), suposta por Bento (1996, item 1.1.2) como existente no pensamento de Saussure?

Além disso, a valorização, feita por Lacan, da unidade lingüística, do signo, assim como do “estudo exato das ligações próprias do significante e da amplitude da função destas na gênese do significado” (Lacan, 1998a, p.500), não evocaria esta concepção, hipotetizada por Bento (1996)<sup>6</sup> como sugerida implicitamente por Saussure (1916/1995b, p.89), de uma semiologia radical, mais exatamente de uma semântica fazendo parte da semiologia e comportando uma abordagem sincrônica – no sentido de uma análise sistêmica dos elementos do signo, o significante e o significado –, e, ao mesmo tempo, uma abordagem diacrônica?

Mais precisamente, esta abordagem lacaniana acima em destaque, não se assemelha ela a esta semântica, que se supõe existente no pensamento de Saussure (1916/1995a, 1916/1995b), enquanto estudo das transformações do signo, mais exatamente das relações entre seu significante e seu significado, ao longo de sua história, mas colocando a ênfase no seu ponto de partida, na sua origem, e, finalmente, na imutabilidade do signo?

Seja como for, Lacan (1998a, p.499) indica, claramente, como foi visto acima, que ele reterá de Saussure somente seu modelo de lingüística, em particular seu modelo do signo enquanto unidade de uma linguagem que “efetivamente (conquistou), na experiência, seu status de objeto científico” da lingüística. O signo, enquanto objeto da semiologia saussuriana, parecerá a Lacan, de certa forma, desprovido de valor, já que Lacan situa a semiologia fora da lingüística, e como sendo uma disciplina “mais ou menos hipoteticamente generalizada.”

Portanto, sobre a questão deste subitem: “Teria Saussure exercido alguma influência no pensamento semiológico de Lacan?”, pode-se concluir que, aparentemente, pelo que foi analisado acima, não houve influência de Saussure num suposto raciocínio semiológico de Lacan (esta suposição hipotética será discutida a seguir no subitem 3.3). A influência

---

<sup>5</sup> Para o detalhamento do raciocínio de como se chegou a esta hipótese, vide Bento (1996, item 1.1.2).

<sup>6</sup> Para o detalhamento do raciocínio de como se chegou a esta hipótese, vide Bento (1996, item 1.1.4).

de Saussure ocorreria apenas no pensamento lingüístico de Lacan. E quanto a Freud? Teria Freud exercido alguma influência neste suposto raciocínio semiológico de Lacan? É o que se pretende discutir a seguir no subitem 3.3.

*Existe um raciocínio semiológico em Lacan? Se sim, teria Freud exercido alguma influência neste raciocínio?*

Como se viu acima, o pensamento lacaniano, além de ter recebido a influência de Saussure e de Lévi-Strauss, está também fundamentado em Freud. Particularmente a teoria dos sonhos de Freud (1900/1972a, 1900/1972b) parece ter exercido uma influência em Lacan. Lacan (1998a) escreverá a este respeito desde as primeiras linhas do item intitulado “A letra no inconsciente”:

A obra completa de Freud nos apresenta uma página de referências filológicas a cada três páginas, uma página de inferências lógicas a cada duas páginas e, por toda parte, uma apreensão dialética da experiência, vindo a analítica linguageira reforçar ainda mais suas proporções à medida que o inconsciente vai sendo mais diretamente implicado. Assim é que, na Ciência dos sonhos, trata-se apenas, em todas as páginas, daquilo a que chamamos a letra do discurso, em sua textura, seus empregos e sua imanência na matéria em causa. Pois esse texto abre com sua obra a via régia para o inconsciente. (...) A primeira cláusula, articulada logo no capítulo preliminar, posto que a exposição não pode suportar sua demora, é que o sonho é um rébus. (...) As imagens do sonho só devem ser retidas por seu valor de significante, isto é, pelo que permitem soletrar do “provérbio” proposto pelo rébus do sonho. Essa estrutura de linguagem que possibilita a operação da leitura está no princípio da significância do sonho, da Traumdeutung. (Lacan, 1998a, p.513-514) (Ver passagem correspondente na edição francesa: Lacan, 1966a, p.509-510)

Lacan postula assim sua hipótese da estruturação do inconsciente enquanto linguagem sublinhando, ao mesmo tempo, que foi Freud quem primeiro propôs, e “por toda parte”, em sua “obra completa”, “uma apreensão dialética da experiência, vindo a analítica linguageira reforçar ainda mais suas proporções à medida que o inconsciente vai sendo diretamente implicado.” Esta hipótese encontrará seu fundamento mais forte na “Interpretação de sonhos” (Freud, 1900/1972a & 1900/1972b), sobretudo aqui, porque é a “Ciência dos sonhos” que, abrindo “com sua obra a via régia para o inconsciente”, demonstrará, mais do que as outras obras de Freud, e mesmo em “todas as páginas”, a existência de um inconsciente estruturado como linguagem.

O sonho parece ser visto aqui como sendo o que o autor chama de “a letra do discurso”. Anteriormente, na mesma obra, Lacan (1998a, p.498) havia designado “por letra este suporte material que o discurso concreto toma emprestado da linguagem.” Compreende-se, assim, que este “sonho – letra do discurso” nada mais é do que um significante, cujo caráter de “rébus” (enigma) demandaria ser decifrado, ou melhor, ser lido segundo a tradução do seu significado inconsciente, o qual apareceria oculto sob a barra que o separa deste “significante-rébus” (S/s). Lacan fará, finalmente, uma comparação entre a análise do sonho



em Freud e análise do signo em Saussure: neste sentido, interpretar um sonho não significaria nada mais do que partir da imagem do sonho vista como significante e assimilá-la a um rébus, até que seja decifrada, revelando-se, assim, seu significado oculto, inconsciente. Lacan escreverá a este respeito: “A Entstellung, traduzida por transposição, onde Freud mostra a precondição geral da função do sonho, é o que designamos anteriormente, com Saussure, como o deslizamento do significado sob o significante, sempre em ação (inconsciente, note-se) no discurso” (Lacan, 1998a, p.514) (Ver passagem correspondente na edição francesa: Lacan, 1966a, p.511).

A analogia entre a idéia do significante situado sobre (separado de) seu significado (S/s), em Saussure, e aquela da imagem do sonho situada sobre sua significação, em Freud, permitirá a Lacan uma dupla empreitada: Por um lado, esta analogia lhe permitirá justificar a hipótese do “inconsciente estruturado como linguagem”. Por outro lado, ela lhe evocará a questão de saber quais são os mecanismos que atuarão para distanciar o sujeito do significado inconsciente do “sonho-Significante”, levando-o a produção de um certo sonho, mais precisamente, de um certo “Significante – imagem do sonho”, de um certo “discurso no sonho”.

No que concerne esta questão do trabalho do sonho, Freud vai evocar dois mecanismos, fundamentais, implicados na produção de uma certa imagem no sonho: a condensação e o deslocamento. Lacan fará o mesmo, mas substituindo estes dois termos por seus análogos, respectivamente pela metáfora e pela metonímia. Lacan escreverá a respeito deste sonho assim assimilado a um discurso:

Mas as duas vertentes da incidência do significante no significado encontram-se nela. A Verdichtung, condensação, é a estrutura de superposição dos significantes em que ganha campo a metáfora (...) A Verschiebung ou deslocamento é, mais próxima do termo alemão, o transporte da significação que a metonímia demonstra (...). (Lacan, 1998a, p.515) (Ver passagem correspondente na edição francesa: Lacan, 1966a, p.511)

Depois de ter comparado o sonho e o discurso no que concerne à utilização destes dois mecanismos (aquele da condensação-metáfora e aquele do deslocamento-metonímia), Lacan levantará a questão de saber se existiriam diferenças na atuação destes mecanismos para produzir o sonho, por um lado, e o discurso, por outro. Ele vai, assim, não apenas retomar e reforçar a idéia do sonho como estando assimilado ao discurso, posto que ele diz que nada pode distinguir estes mecanismos num e noutro, como também comparar o método de análise do sonho com a semiologia do discurso. Ele escreverá a este respeito:

O que distingue esses dois mecanismos, que desempenham no trabalho do sonho, Traumarbeit, um papel privilegiado, de sua função homóloga no discurso? – Nada, a não ser uma condição imposta ao material significante, chamada Rücksicht auf Darstellbarkeit, que convém traduzir por “consideração para com os meios de encenação” (sendo por demais aproximativa, aqui, a tradução por “papel da figurabilidade”). Mas essa condição constitui uma limitação que se exerce no interior do sistema da

escrita, longe de dissolvê-lo numa semiologia figurativa em que ele se alie aos fenômenos da expressão natural. (Lacan, 1998a, p.515) (Ver passagem correspondente na edição francesa: Lacan, 1966a, p.511)

Esta passagem, onde Lacan estabelece uma analogia entre, por um lado, o sonho em Freud e o discurso, e, por outro lado, a análise do sonho em Freud e a análise semiológica do discurso, não permitirá supor que a hipótese lacaniana segundo a qual “o inconsciente é estruturado como linguagem” decorreria de um raciocínio seguindo o modelo daquele que pareceria caracterizar o que se pode compreender como sendo a “semiologia freudiana do sonho” em Lacan?

Além disso, esta dupla analogia, não reforçaria ela a proposição de um método de pesquisa relacionado a uma “Semiologia Psicanalítica” radical que visaria constituir uma história dos signos, aonde a ênfase recairia sobre a busca do sentido originário, e, então, o pressuposto seria que tal investimento permitiria extrair a natureza humana mais profunda, o psiquismo lingüístico e inconsciente do homem em geral, a verdade humana imutável, atemporal e originária?

Este modelo da “semiologia freudiana do sonho”, nesta hipótese do “inconsciente estruturado como linguagem”, tornar-se-á ainda mais evidente quando Lacan fala de uma cadeia de signos, destacando a supremacia dos significantes sobre os significados, colocando a ênfase na história de um único e primeiro signo, o significante primordial (S1) – o falo. Ocupando o lugar de um objeto perdido, este significante fálico primordial estaria predestinado, ao mesmo tempo, a sofrer processo de recalçamento originário, e a se fazer substituir por um segundo significante (S2), que, por sua vez, sofreria o mesmo destino, sendo, então, também recalçado, cedendo seu lugar para um terceiro significante (S3), que seria substituído por S4, e assim por diante. O inconsciente seria então constituído por significantes recalçados, possuindo em suas raízes mais profundas, o significante fálico primordial (S1). A esse respeito, como esclarece Laplanche e Pontalis (1998, p.168), é “em torno da noção de falo como ‘significante do desejo’” que “Lacan tentou recentrar a teoria psicanalítica.”

Evocando outro estudo de Bento (1996, item 1.2.1), sobre a “Semiologia Psicanalítica”, a partir de Freud (1913/1974), em “Totem e tabu”, não se poderia dizer que este significante fálico primordial (S1) lacaniano pareceria lembrar o “Totem-Mito” freudiano? Em outras palavras, o S1 de Lacan não seria o equivalente do “Totem-Mito” descrito por Freud (1913/1974) como situado na origem da história do homem, estando também predestinado a sofrer o recalçamento originário, a tornar-se inconsciente, e, assim, ceder seu lugar aos tabus e as religiões, estes equivalentes do S2 lacaniano?

Em outras palavras, não se poderia evocar a mesma analogia acima em destaque, afirmando que Lacan identifica S2 enquanto metáfora do Nome-do-Pai, consequência da castração simbólica, e substituta do significante fálico primordial (S1), enquanto Freud fala dos tabus e das religiões, relacionando estes ao homem submetido ao medo constrangedor (medo da castração) que trava a livre manifestação de seu pensamento? Dito de outra forma ainda, em Freud (1913/1974), os tabus e as religiões não seriam os equivalentes da metáfora do Nome-do-Pai de Lacan (1966b, 1998b, 1998c, 1999),

conseqüência da intervenção daquilo que Lacan chama de “Castração Simbólica”? Seria, enfim, possível supor que existe uma analogia entre as três proposições seguintes: 1ª- O Falo (S1) situado ao lado da metáfora do Nome-do-Pai (S2); 2ª- O Totem situado ao lado do Tabu; e 3ª- O Mito situado ao lado da Religião? Se sim, também não seria possível supor as duas seguintes equivalências: 1ª- Entre o Falo, o Totem e Mito; e, também, 2ª- Entre a metáfora do Nome-do-Pai, o Tabu e a Religião?

Além disso, caberia se perguntar se este modelo lacaniano de “semiologia freudiana do sonho” não faz lembrar em particular a semântica de Saussure (1916/1995b, p.89), concebida como um simples “deslocamento da relação entre o significado e o significante”, o que pressupõe, implicitamente sugerida, uma “semiologia radical”, que valorizasse a origem do signo, pois “o que domina, em toda alteração, é a persistência da matéria velha” (a imutabilidade do signo)<sup>7</sup>.

Mesmo Lacan (1998a, p.499) precisando que valorizará o signo saussuriano ligado à lingüística – que ele vê como ciência das línguas –, e não à semiologia – esta ciência do signo (e não da língua), que ele situa fora da lingüística e considera “mais ou menos hipoteticamente generalizada” –, parece, no entanto, que ele acabou colocando a ênfase no falo que, no final das contas, segue o modelo do signo, correspondente ele também á uma concepção “hipoteticamente generalizada”. De fato, enquanto “significante do desejo”, o falo também assumirá um sentido hipotético e genérico, ligado àquilo que falta e que completaria.

Como foi visto acima, se, por um lado, o destino do falo (S1) será ocupar o lugar de um objeto perdido, tornar-se uma falta, sofrer o recalçamento originário, e se fazer substituir por S2; por outro lado, implicará na mobilização dos dois mecanismos, a metonímia e a metáfora, ação que conduzirá a produção do sonho e do discurso. Lacan escreverá a esse respeito:

Podemos simbolizá-las (a metonímia e a metáfora) por:

$$f(S...S') S \sim S (-) s$$

ou seja, a estrutura metonímica, indicando que é a conexão do significante com o significante que permite a elisão mediante a qual o significante instala a falta do ser na relação de objeto, servindo-se do valor de envio da significação para investi-la com o desejo visando essa falta que ele sustenta. O sinal  $\_$ , colocado entre ( ), manifesta aqui a manutenção da barra  $\_$ , que marca no primeiro algoritmo a irredutibilidade em que se constitui, nas relações do significante com o significado, a resistência da significação. (26) Eis agora

$$f(S'/S) S \sim S (+) s$$

a estrutura metafórica, que indica que é na substituição do significante pelo significante que se produz um efeito de significação que é de poesia ou criação, ou, em outras palavras, do advento da significação em questão. (27) O sinal  $+$ , colocado entre ( ), manifesta aqui a transposição da barra  $-$ , bem como o valor constitutivo dessa transposição para a emergência da significação. (Lacan, 1998a, p.519) (Ver passagem correspondente na edição francesa: Lacan, 1966a, p.515)

<sup>7</sup> Para o detalhamento da discussão sobre “A semântica em Saussure”, vide Bento (1996, item 1.1.4).

Nas notas de rodapé (26) e (27) dessa passagem, Lacan escreverá: “26. O sinal ~ designa a congruência. 27. Como o S’ designa no contexto o termo produtor do efeito significante (ou significância), vê-se que esse termo é latente na metonímia e patente na metáfora.” (Lacan, 1998a, p.519) (Ver passagem correspondente na edição francesa: Lacan, 1966a, p.515).

No que concerne a estrutura metonímica, é a conexão de um significante novo (S’) a um significante antigo (S) que provocará a elisão deste. Por deslocamento, S’ substituirá S, instalando a “falta do ser na relação de objeto”, o que se tornará a “significação (latente) para investi-la com o desejo que visa essa falta que ele sustenta”, quer dizer que só se desejará aquilo que falta e aquilo que se imagina poder completar. Em relação à estrutura metafórica, a substituição se fará pela condensação de um Significante antigo por um outro S’ ignificante novo, produzindo, assim, um efeito de significação patente.

A significação última que resta ligada ao significado do significante fálico – recalçado e inacessível, tanto no sonho, quanto no discurso – pareceria evocar a existência de uma linguagem universal situada na origem da história do inconsciente individual e do homem em geral. Esta idéia é ainda mais evidente na noção lacaniana de Grande Outro, que, como precisa Chemama (1995, p.156), “(...) o Outro, em seu limite, confunde-se com a ordem da linguagem”, remetendo ao “lugar onde a psicanálise situa, além do parceiro imaginário, aquilo que, anterior e exterior ao sujeito, não obstante o determina”. É precisamente no Outro da linguagem que se distinguem os sexos e as gerações, e que se codificam as relações de parentesco. A afirmação de Lacan segundo a qual “o inconsciente é o discurso do Outro”, remete, neste sentido, a um fenômeno duplo: por um lado, àquele, trans-individual, anterior e exterior ao sujeito, situado na ordem da cultura, da linguagem-lei, que interdita o incesto e que é transmitido de uma geração para outra; por outro lado, ao Outro enquanto lugar, no inconsciente, onde se situa o desejo humano: aquele do falo.

Tal noção de Grande Outro, pelo fato dela pressupor a existência de uma dimensão universal da linguagem em torno do que Lacan chama de significante fálico, pareceria reforçar a importância de uma “Semiologia Psicanalítica” radical visando abordar as origens dos signos, mas sem esquecer as mudanças semânticas importantes inseridas no seu contexto social: aquele dos ritos, dos costumes, dos mitos, dos textos literários, dos escritos clássicos, etc. (os fatos humanos, a língua), com o objetivo de extrair e analisar os universais da linguagem reveladores da natureza humana mais profunda, do psiquismo inconsciente do homem, da verdade humana imutável, atemporal e originária.

## Conclusão

Foi atingido o objetivo deste trabalho de discutir a questão de saber se seria possível supor uma noção de “Semiologia Psicanalítica” em Lacan. Chegou-se a conclusão que existe um pensamento semiológico em Lacan, implicitamente sugerido.

Ao que parece, o pensamento semiológico de Lacan não possui a influência de Saussure, pois, como indicará o próprio Lacan (1998a, p.499), ele reterá de Saussure

somente seu modelo de lingüística, em particular seu modelo do signo enquanto unidade de uma linguagem que “efetivamente (conquistou), na experiência, seu status de objeto científico” da lingüística. O signo, enquanto objeto da semiologia saussuriana, parecerá a Lacan, de uma certa forma, desprovido de valor, já que Lacan situa a semiologia fora da lingüística, e como sendo uma disciplina “mais ou menos hipoteticamente generalizada”.

Pareceria que o pensamento semiológico de Lacan teria recebido a influência de Freud, pois foi encontrada, em Lacan (1998a, p.515), uma passagem particularmente interessante a esse respeito, quando o autor, ao questionar “o que distingue esses dois mecanismos (a condensação e o deslocamento), no trabalho sonho (...) de sua função homóloga no discurso”, responde: “nada, a não ser uma condição imposta ao material significante”, explicando que “essa condição constitui uma limitação que se exerce no interior do sistema da escrita, longe de dissolvê-lo numa semiologia”. Pode-se neste momento pensar na existência, em Lacan, de uma analogia entre, por um lado, o sonho em Freud e o discurso, e, por outro lado, a análise do sonho em Freud e a análise semiológica do discurso, o que permitiu, assim, supor que a hipótese lacaniana segundo a qual “o inconsciente é estruturado como linguagem” decorreria de um raciocínio, implicitamente sugerido, seguindo o modelo daquele que pareceria caracterizar o que se pode compreender como sendo uma “semiologia freudiana do sonho” em Lacan.

Uma aparente contradição poderia neste momento ser apontada: Como supor uma “semiologia do sonho”, se Saussure concebeu a “semiologia” como estudo do signo no seio da vida social, o que implicaria fundamentalmente na valorização da pesquisa dos escritos, da língua, do social, em oposição a Lacan e Freud, na abordagem do sonho, aonde se vê em destaque a clínica (e não a pesquisa) do sujeito do inconsciente, da fala (e não da língua) do indivíduo (e não do social)? Em outros estudos (vide Bento, 1996, item 1.1.2) foi possível demonstrar que, embora a “parole” (fala) saussuriana, remetendo a dimensão do indivíduo, não seja em geral do interesse nem da lingüística, nem da semiologia, poderá, no entanto, interessar a ambas, quando suas inovações ocasionarem transformações na língua. Em outras palavras, nestas condições estritas, Saussure parece conceber uma semiologia e uma lingüística da fala, o que implicaria na valorização do estudo do indivíduo.

## Referências

- Bento, V. E. S. (1996). *La passion amoureuse “toxique”: une approche psychanalytique à partir de la sémiologie et du narcissisme chez Freud*. Thèse de Doctorat (pas-publié). Laboratoire de Psychopathologie Fondamentale et Psychanalyse, Université Paris 7. Paris, France.
- Chemama, R. (Org.). (1995). *Dicionário de psicanálise*. (F. F. Settineri, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Freud, S. (1972a). A interpretação de sonhos (primeira parte). (W. I. de Oliveira, Trad.). Em:

- Salomão (Org.). *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. 4, pp. vii-360). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1900).
- Freud, S. (1972b). A interpretação de sonhos (segunda parte). (W. I. de Oliveira, Trad.). Em: Salomão (Org.). *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. 5, pp. 361-663). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1900).
- Freud, S. (1974). Totem e tabu. (O. C. Muniz, Trad.). Em: Salomão (Org.). *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. 13, pp. 11-191). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1913).
- Lacan, J. (1966a). L'instance de la lettre dans l'inconscient ou la raison depuis Freud. Em: J. Lacan. *Écrits* (pp. 493-528). Paris: Seuil.
- Lacan, J. (1966b). D'une question préliminaire à tout traitement possible de la psychose. Em: J. Lacan. *Écrits* (pp. 531-583). Paris: Seuil.
- Lacan, J. (1998a). A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud (V. Ribeiro, Trad.). Em: J. Lacan. *Escritos* (pp. 496-533). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Original publicado em 1966).
- Lacan, J. (1998b). De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose (V. Ribeiro, Trad.). Em: J. Lacan. *Escritos* (pp. 537-590). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Original publicado em 1966).
- Lacan, J. (1998c). *Le séminaire de Jacques Lacan, livre V: Les formations de l'inconscient (1957-1958)*. Paris: Seuil.
- Lacan, J. (1999). *O Seminário, livro 5: As formações do inconsciente (1957-1958)* (V. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Laplanche, J. & Pontalis, J. B. (1998). *Vocabulário da psicanálise* (2a. ed.). (P. Tamen, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1987).
- Lemaire, A. (1977). *Jacques Lacan*. Bruxelles, Belgique: Pierre Mardaga.
- Lemaire, A. (1979). *Jacques Lacan: Uma introdução* (D. Checchinato, O. Rossin Sobrinho & S. J. de Almeida, Trad.). Rio de Janeiro: Campus.
- Lévi-Strauss, C. (1974). *Anthropologie structurale*. Paris: Plon. (Original publié en 1958).
- Lévi-Strauss, C. (2003). *Antropologia estrutural* (6a. ed.). (C. S. Katz & E. Pires, Trad.). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. (Original publicado em 1958).
- Saussure, F. de (1995a). *Cours de linguistique générale*. Paris: Payot & Rivages. (Original publié en 1916).
- Saussure, F. de (1995b). *Curso de lingüística geral* (A. Chelini, J. P. Paes & I. Blikstein, Trad.). São Paulo: Cultrix. (Original publicado em 1916).

---

Recebido em agosto de 2006

Aceito em março de 2007

**Victor Eduardo Silva Bento** é psicólogo; Doutor em Psicopatologia Fundamental e Psicanálise pela Universidade Paris 7; professor do Departamento de Psicologia da UFPR; professor do Departamento de Psicometria do Instituto de Psicologia da UFRJ.

**Endereço para correspondência:** victorbento@oi.com.br